

DA MEDICINA E DAS BELAS LETRAS

Mário de Sá-Carneiro

O Poeta, Ele e o Outro

E. MACIEIRA COELHO

Serviço de Medicina IV. Hospital de Santa Maria. Lisboa

RESUMO/SUMMARY

O poeta Mário de Sá-Carneiro, que se suicidou em Paris em 1916, consultou o neurologista Egas Moniz, em Lisboa, dois anos antes. Depois de o ouvir, Moniz diz-lhe identificar os seus sintomas, curiosamente, com expressões de um poema que lera na revista literária *Orfeu*. Esta revista pretendia, de forma provocatória, anunciar uma literatura em rotura com o passado. Sá-Carneiro declara ser ele o autor do poema. Ao lê-lo, Egas Moniz suspeitara ser o autor do poema, um esquizofrénico.

No presente artigo analisa-se a obra literária e poética de Sá-Carneiro identificando-se, no seu todo, com as manifestações que caracterizam uma esquizofrenia.

Of Medicine and Arts

The Poet, He and the Otter

The poet Mário de Sá-Carneiro, who committed suicide in Paris, in 1916, had had an appointment with the neurologist Egas Moniz, in Lisbon, two years before. After listening to what he had to say, Moniz tells him that he identifies his symptoms, curiously, with expressions of a poem he had read in the literary magazine *Orfeu*. This magazine wanted, in a provocative way, to announce a literature that was breaking with the past. Sá-Carneiro told him that he was the author of the poem. On reading it, Egas Moniz, had suspected that his author was a schizophrenic.

In this article the literary and poetical work of Sá-Carneiro is analysed, identifying it, as a whole, with the demonstrations that depict schizophrenia.

Era eu aluno do quarto ano de medicina contou-me Egas Moniz que um dia o procurara no Consultório um doente jovem, português residente em Paris e que regressara a Lisboa porque deflagrara a guerra entre a França e a Alemanha, início da Primeira Grande Guerra, 1914-1918, do Século XX. Egas Moniz ouviu-o aguçado pelo interesse crescente que a personagem lhe despertava e, cinquenta anos depois, apoiado na sua enorme experiência da natureza humana, descreveu-mo e relatou-me o diálogo aproximadamente assim: *Era um homem ligeiramente obeso, de rosto redondo com um olhar inteligente e triste.*

Tinha uma estatura superior à média dos portugueses. Dizia ser estudante em Paris e não era a primeira vez que consultava um neurologista. Tinha consultado outros em Paris. Descrevia com facilidade as manifestações que o atormentavam. Tinha uma linguagem muito expressiva e que denunciava cultura. Apercebe-se que havia um fosso entre a infância e a maturidade, uma manifesta ausência de identidade, aparente incoerência de pensamento e, obviamente, pensamento delirante. A certa altura disse-me: «Sabe doutor, por vezes sinto um desdobramento da minha pessoa. Mas não é apenas um desdobramento

psicológico mas é igualmente um desdobramento físico». Interrompi-o: «O que me descreve faz-me lembrar um poema que recentemente li numa revista literária portuguesa Orfeu e, que diz mais ou menos isto: Despegam-se-me os braços que vestidos de casaca vão ao baile do Vice-Rei. E, o doente surpreendentemente respondeu: Mas esse poema fui eu que o escrevi!. Ao ler o poema suspeitei ser uma manifestação literária e artística de um esquizofrénico.

É o poema que Sá Carneiro intitulou *16* escrito em Lisboa em Maio de 1914 e que a certa altura descreve:

... As mesas do Café endoideceram feitas ar
Caiu-me agora um braço...olha lá vai ele a valsar,
Vestido de casaca, nos salões do Vice-Rei...
(Subo por mim acima como por uma escada de corda
E a minha ânsia é um trapézio escangalhado...)

Este surpreendente episódio que muito me impressionou despertou-me o desejo sempre adiado de reler Sá-Carneiro com curiosidade diferente da primeira leitura.

Sá-Carneiro inicia a sua actividade literária como novelista. No volume de oito novelas *Céu em Fogo*¹ escritas de 1905 a 1914 entre os quinze e os vinte e quatro anos a primeira, novela da adolescência, *A Grande Sombra*, é um deambular por figurações de um sonho fantástico, de imagens soltas, depois vibrantes e tumultuosas, adivinhando-se já confusão e dispersão, sensualidade e ausência de identidade sexual que assume na última novela *Ressureição*. Em *Mistério*, o suicídio como destruição, libertação e salvação, é uma constante, em contraste com a saudade da infância «... porque na infância, não possuímos ainda o sentido da impossibilidade...». Já na adolescência desponta a angústia existencial característica da personalidade de Sá-Carneiro quando escreveu a certa altura «... deixo de ser Eu – mesmo em relação ao que me envolve... vivo só em metade de mim». Desenvolve o tema, dois anos mais tarde na novela *Eu – próprio o Outro* que inicia com uma imagem de pesadelo: «Sou um punhal d'ouro cuja lâmina embotou; tenho a minha alma presa num sagoão», para terminar com a obsessão da morte violenta do Eu-próprio: «Enfim, o triunfo. Matá-lo-ei esta noite... quando ele dormir». Aqui apercebe-se incongruência afectiva e pensamento ilógico. Em *O Homem dos Sonhos* descreve a personagem, a certa altura, desta forma: «Ele derrubava a realidade condenando-a ao sonho. E vivia o irreal». Sá-Carneiro no seus momentos lúcidos tinha consciência do seu mundo autista, da sua perda de contacto com o real, dos seus pensamentos ilusivos, que transmitia às personagens por ele criados.

A *Confissão de Lúcio*, «Narrativa»,² é uma obra da maturidade, escrita em 1913, já com vinte e três anos. A personagem Ricardo Loureiro, o amigo que Lúcio conhece em Paris e que por fim é protagonista da tragédia, mais tarde em Lisboa, descreve-se desta forma. «Desde criança que, pensando em certas situações possíveis [...] eu, antecipadamente me vejo ou não vejo nelas. Por exemplo: uma coisa onde nunca me vi, foi na vida... Eu, nesse, nunca me figurava. Mas noutra qualquer, outro qualquer porém, só poderia dar-se por meu intermédio».

Em 1914 no poema *7 em Indícios de Ouro* Sá-Carneiro confessa-se: «Eu não sou eu nem o outro, / Sou qualquer coisa de intermédio: / Pilar da ponte do Tédio/ Que vai de mim para o outro».

Assim, repete e insiste no angustiante desdobramento da sua personalidade: «Eu - próprio o outro». E, mais adiante Ricardo Loureiro continua: «... o meu mundo interior amplia-se... e hora a hora se excede ! É horrível».

Tudo isto revela défice na interacção pessoal em Sá-Carneiro. Ainda na *Confissão de Lúcio* quando descreve a sala de uma americana famosa que Lúcio conhecera em Paris e onde se irá realizar um espectáculo, escreve «... o mais alucinador era a iluminação [...] Essa luz – evidentemente eléctrica – provinha de uma infinidade de globos, de estranhos globos de várias cores, vários desenhos, de transparências várias – mas sobretudo de ondas que projectores ocultos nas galerias, golfavam em esplendor. Ora essas torrentes luminosas, todas orientadas para o mesmo ponto quimérico do espaço, convergiam nele em um turbilhão meteórico, é que elas realmente em ricochete enclavinado, se projectavam sobre paredes e colunas, se espelhavam no ambiente da sala, apoteatizando-a ...».

Nestas sensações de tanto pormenor, porventura por ele experimentadas, Sá-Carneiro faz a descrição de um delírio alucinatório dramático que tipifica uma psicose.

A relação entre Lúcio, Ricardo o amigo e, a mulher deste, Marta, é de uma ambiguidade incongruente. Ricardo quer que Marta seja amante de Lúcio e Lúcio em êxtase amoroso confunde o rosto de Marta com o rosto do amigo. Por fim, Ricardo confessa a Lúcio: «Dedicavas-me um grande afecto e eu queria retribuir-to [...] só se te beijasse, se te possuísse [...] Ah ! mas como possuir uma criatura do mesmo sexo? [...] Mandei Marta ser tua [...] mas estreitando-te ela, era eu próprio quem te estreitava [...] foi como a minha alma sendo sexualizada se tivesse materializado». A seguir Ricardo leva Lúcio para junto de Marta e desfecha um revolver sobre Marta. Mas quem cai morto é Ricardo e Marta desaparece, «Evolara-se em silêncio».

Aqui revela-se incongruência de afecto e da identidade sexual que se transforma em afecto – homossexual, também

pensamento ilógico e, a solução da ambiguidade do afecto por acto agressivo.

Dieter Wall³ num estudo da obra de Sá-Carneiro interpreta a relação entre os protagonistas da narrativa *A Confissão de Lúcio* como se o autor pretendesse essencialmente a aspiração a um ideal artístico e expressar a comunhão em arte.

Maria Ema T. Ferreira⁴ conclui que as novelas de Sá-Carneiro documentam uma técnica narrativa introduzida por ele próprio como projecção e desdobramento do eu sobre a realidade circundante, que aparece deformada. No entanto, admite ser uma técnica de narrativa que identifica o génio com a loucura.

Maria Aliete Galhoz⁵ considera Sá-Carneiro como herói único das suas novelas que se desdobra em ficção de si próprio e, Luís de Montalvor⁶ entende Sá-Carneiro como definindo-se pela mais extreme desintegração de seu mesmo eu, ou seja um ser que se oferece no desdobramento da sua personalidade.

Gaspar Simões⁷ numa análise psicológica de Sá-Carneiro afirma que a obra de Sá-Carneiro «é uma tentativa de fuga por inadaptação [...] é uma auto-biografia, sentia-se despersonalizado [...] percebia-se sem realidade perante o mundo [...] o reconhecimento do mundo como entidade independente do eu condena-o a ser um elemento inconsciente desse mundo».

Todos estes estudiosos da obra de Sá-Carneiro apercebem-se da natureza patológica do autor tendo contudo dificuldade em o afirmar.

Com vinte e três anos, em 1913, decide Sá-Carneiro abandonar a novela e encontra na poesia a forma de expressão artística e literária.

Para Gaspar Simões (7) os poemas de Sá-Carneiro «eram escritos por crises. O poeta seria acometido por uma espécie de delírio poético para acabar, depois, numa espécie de exame de consciência. À medida que o delírio se desvanecia, Sá-Carneiro ia tomando consciência de si – mesmo».

Se analisarmos a poesia de Sá-Carneiro vemos como revela desdobramento do eu, incoerência de pensamento e do afecto, pensamento ilusivo, delírio, alucinação, depressão e recusa do real pressupondo outra realidade, que Egas Moniz suspeitara na leitura do poeta que mais tarde o iria procurar como doente:

– desdobramento e dispersão da personalidade –
 Por sobre o que Eu não sou há grandes pontes
 Que um outro, só metade quer passar
 (*Ângulo*);
 Quero reunir-me, e todo me dissipo –
 Luto, estrebuchos ... Em vão!
 Silvo p' além

(*Álcool*);

– dispersão da personalidade e recusa do real –

Não sinto o espaço que encerro

Nem as linhas que projecto:

Se me olho a um espelho, erro –

Não me acho no que projecto

(*Dispersão*);

– fuga à realidade –

Afronta-me um desejo de fugir

Ao mistério que é meu e me seduz

(*Partida*);

Onde existo que não existo em mim?

(*Escavação*);

Irrealidade em mim ondeia

... – Ao meu redor eu sou Rei exilado

(*Distante Melodia*);

– tortura autista –

Castrado de alma e sem saber fixar-me

... Serei um emigrado doutro mundo

(*Como Eu Não Possuo*);

– alucinação, delírio, e pensamento ilusório –

Imagens, formas, sons luzes

Que volteiam dentro de mim

(*Rodopio*);

Sou estrela ébria que perdeu os céus

Sereia louca que deixou o mar

Sou templo prestes a ruir sem deus,

Estátua falsa ainda erguida ao ar

(*Estátua Falsa*);

Quando chega o piano estala agoiro

E medem-se os convivas logo, inquietos

Alargam-se as paredes, sobem tectos;

Paíra um luxo de adaga em mão de moiro

(*El – Rei*);

– tomada de consciência da sua incoerência e seus delírios –

E eu que sou o rei de toda essa incoerência

Eu próprio, turbilhão, anseio por fixá-la

(*A Queda*);

Oh! regressar a mim profundamente

E ser o que já fui no meu delírio...

(*Escala*);

– depressão –

E cinzas, cinzas só, em vez de fogo...

- onde existo que não existo em mim?

(*Escavação*);

Nada me expira já, nada me vive –

Nem a tristeza nem as horas belas

(*Além Tédio*);

Um pouco mais de Sol – e fora brasa

Um pouco mais de azul – e fora além
Para atingir, faltou-me um golpe de asa
Se ao menos eu permanecesse áquem ...
(*Quási*).

No poema *Manucure*, no início há pensamento lógico e coerente que por fim evolui para pensamento ilusório e delírio metafórico. Este poema recorda a *A Confissão de Lúcio*. A personagem Gervásio Vila-Nova descreve a Lúcio um movimento literário «cuja novidade residia em os seus livros serem impressos [...] numa estrambótica disposição tipográfica, e os poetas e prosadores [...], abolindo a ideia [...], traduziam as suas emoções unicamente em jogo silábico, por onomatopeias rasgadas, bizarras: criando mesmo novas palavras que coisa alguma significavam e cuja beleza, segundo eles, residia juntamente em não significarem coisa alguma ...».

Na verdade os poemas de Sá-Carneiro reflectem até à saciedade a sua psicose. Mas são magníficos. Uma surpreendente explosão de vocábulos, metáforas, cheios de tensão e intenção, gerando um universo irrealista de emoções ambivalentes, de orgias de delírio, com ritmo e musicalidade alucinantes, mas poemas de grande beleza.

Em 1916 Sá-Carneiro escreve o poema *Fim*:

Quando eu morrer batam latas,
Rompam aos saltos e aos pinotes,
Façam estalar no ar chicotes,
Chamem palhaços e acrobatas

Que o meu caixão vá sobre um burro
Ajezado à andaluza...
A um morto nada se recusa,
E eu quero por força ir de burro !

E em Abril desse Ano, depois de o anunciar repetidamente a amigos, Sá-Carneiro suicida-se com estricnina no seu quarto do Hotel de Nice em Montmartre. Para o efeito, vestira o smoking.

Diz-se que mais tarde Fernando Pessoa afirmou: «Sá-Carneiro não tem biografia, só génio».

Aos génios, igualmente, não se passam atestados de saúde mental.

BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA

Mário de Sá-Carneiro

1. “Céu em Fogo” . Novelas. Obras Completas de Mário de Sá – Carneiro. Ática, Lisboa, 1956
2. “A Confissão de Lúcio. Narrativa”. Obras Completas de Mário de Sá – Carneiro. Ática. Lisboa, 1945
3. WALL D: Decifrando “ A Confissão de Lúcio”. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, N.º 13, Série III. Lisboa, 1971
4. FERREIRA MET: Introdução. Mário de Sá – Carneiro, Poesias. Biblioteca Ulisseia. Lisboa, 2000
5. GALLHOZ MA: Prefácio. Obras Completas de Mário de Sá – Carneiro. Céu em Fogo, Novelas. Ática. Lisboa, 1956
6. DE MONTALVOR L: Nota Editorial. Obras Completas de Mário de Sá – Carneiro. A Confissão de Lúcio, Narrativa. Ática. Lisboa, 1945
7. SIMÕES JG: Estudo Crítico. Obras Completas de Mário de Sá - Carneiro, Poesias. Ática. Lisboa, 1946